

Director-Editor
FERRIL DA SILVA

A quem deve ser dirigida toda a correspondência

Endereço telegraphico
«ALGARVE» — Faro

Não se restituem originaes, sejam ou não publicados, e não se aceitam informações anónimas

Redacção e administração
Rua de Alportel n.º 27

O ALGARVE

SEMANARIO INDEPENDENTE

Domingo, 31 de Outubro de 1920

ASSINATURAS

Pagamento adiantado

Portugal, Ilhas e Hespanha 6 mezes... \$90
Colónias e Estrangeiro... \$100

COMUNICADOS E ANUNCIOS

3.ª e 4.ª pagina, cada linha \$5

Nas outras paginas, contracto especial

Composto e impresso na Typografia d'«O Algarve»

RUA DE ALPORTEL, N.º 23—FARO

O EXEMPLO DA FRANÇA

Antes de 1914, o homem imaginava-se subtraído definitivamente às destruições que na historia da humanidade occupam largo lugar, tendo como um dogma o *pacifismo*, estabelecido como parecia estar o direito internacional. Depois vemos civilizações florescentes mostrar a completa ausência de paralelismo entre a intelligencia creadora de descobertas e o caracter, que ficou tal como lho legaram os avós. Um barbaro sabio é sempre um barbaro. As nações foram modernizadas sob o ponto de vista intellectual, mas ficaram cada uma com os seus instintos ancestraes.

A ideia socialista confundida ultimamente com a *bolchevista*, tem sido de longa data preparada. E da observação de factos mal estudados. Primeiro procurou-se no *pacifismo* e na normalidade banal de vida a exclusão da ideia da patria como desnecessaria. Se não ha guerras, para que servem sobretudo aos operarios as fronteiras? Não se tornam precisas. A fraternidade entre os povos fazia desaparecer a ideia de patria. Sendo necessario ter alguma cousa para combater, combatia-se o capital.

Veiu a guerra e, apresentada em toda a sua nudez a catastrophe inevitavel, se cruzassem os braços, a mentalidade franceza surgiu como um só homem abraçando todas as classes, e ali é que se viu o esforço igual do *proletario* e do *abastado*, porque a vida é uma; — defender o solo sagrado da Patria, atrahindo para muito longe as ideias dos *meneurs* das multidões e caminhando numa ordem, numa disciplina incomparavel para a victoria comum do *burguez*, do *capitalista* e do *operario*. Ahi desapareceram as classes, porque a classe era só uma; — soldados que defendiam o mesmo ideal.

E essa força ingente que reuniu todos, é a mesma força que salvou a França da desorganização creada pelos inimigos da sociedade e da importação alemã.

As castas e classes gosavam dos mesmos direitos perante a lei, mas praticamente estavam separadas. Independentemente das raças, por que as ha naquele grande paiz e bem distintas

os provençaes, os bretões, os normandos, os gascoes, etc., as classes viviam a par sem se conhecer.

O nobre de antiga estirpe considerava o burguez um ser inferior, este não dava apreço ao trabalhador manual — os habitos, modo de falar, instrução, tudo os encaminhava á separação. Veiu a guerra completar o que os codigos já tinham estabelecido — a *igualdade* acrescentada da *egualização*.

Diz G. Le Bon: durante largos mezes, homens de todas as raças, grandes senhores, magistrados, professores, padres, operarios, funcionarios publicos, viveram na mesma fraternidade, partilharam a mesma vida, a mesma esperança, os mesmos perigos, as mesmas occupaões.

Debaixo da metralha aprenderam a primeira vez a julgar-se a auxiliar-se, a apreciar-se, a conhecer-se, o que ainda não tinha sucedido antes.

Ha pouco vimos como a França respondeu nas eleições ás solicitações para a esquerda que lhe eram feitas do exterior. E esse paiz, o mais avançado, o que dirige, por assim dizer, mentalmente o mundo, deu um exemplo de bom senso que é indispensavel que as nações latinas sigam pois que quanto ás outras que entraram na *Entente* não ha receio de desmandos, por que menos sugestioneis, se sabem governar bem.

A sociedade compõe-se de todas as classes como um ramo se póde compôr de todas as flores, como numa planta todos os orgãos concorrem para a vida do individuo.

Cada individuo, cada classe, representa uma função na sociedade e, depois da grande guerra, feita a *egualização* dos homens de todas as classes, trabalhando todos para o bem comum da patria, cumpre a sua missão na terra, sobretudo não fazendo por despiritar o feitiço ancestral de barbarie, que infelizmente ainda existe num século em que o saber humano o devia ter feito desaparecer ha muito tempo e para sempre.

Q *Algarve* vende-se em Faro au Livraria Capela

ECOS DA SEMANA

Dr. Julio Dantas

Acaba de ser nomeado para o alto e bem espinhoso cargo de ministro da instrução o nos-o patricio sr. dr. Julio Dantas. Com a satisfação que no causa o facto de vermos mais uma vez um algarvio ocupar as cadeiras de poder, e com a completa independencia que todos nos conhecemos, daqui saúamos o sr. dr. Julio Dantas, fazendo votos para que a sua acção como ministro seja o mais proficua possivel e que nunca esqueça a provincia de que é natural, pois bem necessita ella dos bons officios dos governantes.

Para meditar...

No logar da Lagoa, proximo de Amarante, vive um pobre homem que vai esmolar a freguesia do Salvador e ao mesmo tempo que faz aos oferentes as suas predicas religiosas pede-lhes um plantasilha para dispor no seu quintal, onde tem, feitos de pedra e ramos, uns cruzeiros e umas capelas.

Ora um vizinho que emburreou com o religioso architecto foi ao quintal e destruiu-lhe toda a obra, com grande pesar e lamentações do pobre mendigo.

Atto continuo, o vizinho foi aco metido de paralisia e cegueira, vindo a falecer pouco depois.

O nosso colega *Flor da Tanga*, de Amarante, d'onde extraiamos esta narrativa, afirma que a mesma lhe foi feita por pessoa que lhe mereçe a mais absoluta confiança.

Exportação

Ao que conta o ministro do commercio, tem já concluido o diploma que revoga toda a legislação em vigor respeitante ao commercio externo, sendo remodeladas todas as disposições relativas á exportação. São criadas novas sobre-taxas equitativas e simplificadas as normas até agora seguidas em tudo que diz respeito á exportação. Oxalá que assim se fizesse, pois bem necessario se torna regularisar a nossa balança exportadora de forma que o paiz envie para fora, com vantagem, aquilo que não fazendo falta pode constituir um magnifico meio de criar a riqueza publica.

O empréstimo interno

Afirma o governo e tudo leva a crer que assim succedeu, ter sido effectivado um empréstimo interno de seis milhões de libras para amortisar em tres annos. A entrada desse ouro no paiz fará baixar o cambio e, consequentemente, manifestar-se-ha o melhoramento da vida nacional.

D'aqui fazem, pois, os nossos melhores votos para que a previsão seja verdadeira, pois é já tempo de cessarem as horas amargas porque todos temos passado neste paiz

DE RASPÃO FEIRAS

Observei com cuidado o esforço dispendido pela gente simples, na montagem das barracas ou na exposição dos seus generos para venda na feira de Faro! Que poderosas qualidades de trabalho, que bello teninho do quanto vale a capacidade de commercial e inventiva da sempre nobre raça portugueza! Perante os desmandos e a maldade das grandes cidades, o exemplo dado pelo campones, pelo aldeão que mouraja do nascer ao pôr do sol, com uma dedicação ao trabalho, e a do feirante que corre o paiz inteiro num bem dito esforço de prover ao seu sustento e ao dos seus que, como um só alma o acompanham sempre, marca na vida d'este paiz um exemplo digno de nota.

Gente boa e simples que vive afastada dos egoismos dos grandes meios: vós sois a unica esperança salvadora que resta a Portugal!

NOTAS E COMENTARIOS

Manoel Ribeiro, o conhecido maestro da banda regimental de Infantaria n.º 4, um musico de incontestavel valor e por isso mesmo tão discutido no nosso meio artistico, acaba de receber no *Theatro Politeama de Lisboa*, a justa consagração dos seus meritos.

Foi no passado domingo que elle se apresentou como regente da orquestra sinfonica e autor de todas as composições executadas no *Politeama*.

Manoel Ribeiro pôz-se a prova perante uma plateia habituada a applaudir artistas como David de Sousa e a reprovar a obra de muitos, que até ali gosavam da reputação de mestres. Por isso mesmo a sua victoria, o seu triumpho, porque o foi, tem um maior cunho de consagração merecida.

Transcrevemos aqui a opinião do illustre professor do Conservatorio Nacional de Musica, Antonio Eduardo da Costa Ferreira, á cerca das composições de Manoel Ribeiro, executadas no ultimo concerto sinfonico.

Acho nas suas composições a par de uma grande fertilidade de ideias cheias de beleza e originalidade, onde se revela o genio, a linha completa de compositor.

Sua ex.ª o sr. ministro da guerra e a Academia de Sciencias, conferiram ao insigne artista condecorações de merito, e o publico que enchia o *Politeama* deu-lhe o melhor dos seus applausos.

Nós, que nun a duvidamos do triumpho de Manoel Ribeiro, aqui lhe apresentamos um abraço de felicitações.

O que teria succedido ao artista, agora consagrado se tivesse tido a tristissima ideia de apresentar em Faro o produto honesto do seu

O VINTEN DOS POBRES

Senhora das Angustias, salve-se que agonisam! Senhora das Dóres, enxugue as lagrimas dos que se deprimem em amargo pranto! Senhora dos Afliços, agasalhe os nus, a morrem de frio e de indiferença! Deus Supremo, dai o pão de cada dia aos que morrem a mingua dele!

Deus de Justiça, azurraque impiedosamente os barbaros que não sabem sentir a miseria alheia!

Azáres do Destino, ensinai a dor aos que a não sentem, ensinai a miseria aos que a não compreendem.

Dôr Suprema! Descei ás almas em erro, desfazei-as em máguia, debulhai-as em pranto, purificai as, dominai-as nas trevas que se lhes apresentam como Luz!

Alma generosa dos portuguezes, ressurgi nesta hora de suprema indiferença e de supremo egoismo!

Caridade antiga, descei as mansardas, em horas mortas, e levai, oculta, a vossa consolação, o vosso óbulo!

Mulheres de Portugal, que sabeis chorar e sabeis sentir, levantai vos num grande movimento a favor dos que agnisam a mingua de pão e de carinho.

Homens de Fé, que ainda os ha, uni-vos e reagi contra a decadencia que se aproxima e nos avilteece!

Gentes de coração! Despertai para a Luz; abri as vossas almas a todos os sofrimentos, a todos os martirios, a todas as misérias!

Manoel Caetano de Sousa

trabalho, como o fez em Lisboa perante um publico selecto, ainda mesmo que aqui podesse dispor de todos os elementos para a composição da sua orquestra?

O menos que lhe poderia succeder era chamarem-lhe maçoado... e andava com sorte...

Ferro viarios. Vae por mau caminho a classe ferroviaria. Dizem-no com desgosto e com sinceridade.

Temo muita simpatia por todas as reivindicações justas, das classes trabalhadoras, mas não podemos deixar de reprovar attitudes agressivas de caracter anarchico, que prejudicam a cohe-tividade em geral, ao mesmo tempo que deprestigiam uma classe.

A despeito de toda a boa vontade que os ferroviarios apregoam para a solução do actual conflito, apparecem quasi todos os dias actos de sabotage e attentados pessoais. Como se compreende a liberdade que os ferroviarios apregoam? Se eles se julgam com direito a não trabalhar, porque não julgam os outros com liberdade para o trabalho?

Mas ha mais. Os ferroviarios, pela boca do seu comité, affirmam não desistir na pratica de nenhuma violencia se o governo não satis-

Saibamos ser humanos! Saibamos ser irmãos!

E ha irmãos nossos que agonisam a mingua de tudo! E ha tanta gente! Tanta gente! a quem sobra mais do que o necessario para uma vida interna!

Ha irmãos nossos que choram a sua miseria envergonhada, no recanto duma rua, no escuro dum alpendre!

E ha tanta gente! Tanta gente! que faz luxo em esbanjar a luz do dia, a luz do sol, aquilo que não é só pertença sua, mas dos outros a quem o Destino ou a sociedade desherdaram!

Ha tanta miseria! Tanta! E tanto esquecimento para elle!

E tão facil tudo remediar! Tão facil e tão consolador agasalhar os que não tem conforto, mitigar a fome aos que não tem pão! Bastará que cada um de nós se disponha a dar um dia de salario em cada me, um vintem em cada semana, ou o que, enfim, os nossos recursos possam suportar! Bastará um pouco da nossa boa vontade!

Alma piedosa d'outras eras, ressurgi! Senhoras fidalgas, mais fi delhas de coração do que de nas cimento, que outrora espalhaveis de alma aberta, o pão pelos famintos e a consolação pelos afliços, descei á terra, a ensinar ás mulheres da vossa Patria, como se é a liher e anjo ao mesmo tempo!

Manoel Caetano de Sousa

fazer as suas exigencias que, a gase de passagem, nem sempre são justas. São de um dos ultimos manifestos distribuidos ao publico as palavras que se seguem:

Ha pois que aguardar o resultado dessas negociações, sem con duto desarmar, porque falhando ellas, a greve terá de proseguir, mais energica e violenta, intensificando-se a luta, que desse momento em diante deverá ser sem treguas, usando-se todos os meios, pois que a defeza dos ferroviarios tem de ser mantida a todo o tran-se.

Leram? Se, para manter o que os ferroviarios chamam a sua defeza, for necessario sacrificar o resto do paiz, violentamente e por todos os meios, como diz o comité, a classe não recuará na pratica desses crimes.

Amantes da justiça, nós queremos que ella seja feita aos ferroviarios, mas... se o governo transigir, neste momento, entendemos tambem que os ferroviarios se devem manter em greve permanente retomando o serviço em determinado dia e exigindo a reforma no outro.

Manoel Caetano de Sousa

Contos de O ALGARVE

A hora de repouso

(Do poeta e amigo Manoel Caetano de Sousa)

Depois de uma nova existência. Após a luta interessante entre a materia e o espirito, este consegue vencer e brilha, a partir dessa victoria, uma nova luz no mundo. Aureolado de carinhos, recebido com mil effusões de amor, elle encontra-se num momento junto da mãe querida, enlaçado carinhosamente em seus braços e sente como se fôra uma aragem perfumada, um effluvio doce do Alem, o beijo puro e effundido de affecto daquela que lhe deu o ser.

Cansado das lutas travadas, mal podendo alcançar com os olhos materiaes todo o redemoinhar da vida terrestre que então se lhe apresenta, elle dormita com a cabecinha repousada sobre o seio de sua mãe. E ao vê-lo assim, descançado, ella aconchega-o muito a si, com um egoismo todo maternal, e diz-lhe como se babuçasse uma oração.

— Agora trata-se de fazer o ól

Arrastado no turbilhão da existencia, passou os seus primeiros

anos entre os campos, correndo livremente, ora por entre as videiras de que provava os bagos alorados e saborosos, ora entre as arvôres de que protegiam contra os demasiados calores e lhe ofereciam, como generosas amigas, os frutos apeteciveis. E o moço, sem cuidados, livre como os passaros, alegre como um ente completamente feliz, passava os dias na mais saudavel e reconfortante communhão com a Natureza.

Veio porem a epoca dos estudos. Daí o seu primeiro dia de ida á escola, os terrores pelo professor, o medo ás lições, as difficuldades dos primeiros tempos. Depois veio o amor pelas letras, applicação; finalmente, o primeiro exame.

Aprovado, fez a alegria da familia. Nesse dia solene viu-se homenageado, presenteado, sentiu-se homem.

E, como nunca, sentiu uma ineffavel emoção ao ouvir a voz cariciosa da mãe ao dar-lhe já na cama o beijo de despedida.

— Agora trata-se de fazer o ól

Pomba meiga de lindos olhos negros, tez morena, dam moreno encantador e bondoso como o de Cristo, fascinou-o e apaixonou-o. Em sua alma pura nasceu um novo sentimento. E como ambos se compreendiam e amavam, as suas almas ampararam-se muito juntas no mesmo coração, indissoluvelmente ligadas por um só e unico afecto.

Casaram-se. Elle era um fanatico pelo trabalho, tanto por aquelle que trazia o pão a familia, como aquelle que lhe illustrava o espirito e dignificava a

alma. Por isso, quantas vezes não fora a esposa surpreendida lo, altas horas da noite, a prescurtar nas paginas dum livro o encanto surpreendente da Grande Verdade!

Então, como uma enfermeira dedicada, com um tom de meiguice que só os seus corações compreendiam, ella enlaçava-o como se quizesse servê-lo num beijo e ciciava-lhe, docemente como se entoasse uma canção:

— Agora trata-se de fazer o ól

Chegado ao terminus da sua trajetoria pela terra, sente bem proximo esse fim. A doença dura ha alguns dias, o bastante para anunciar o momento decisivo.

N'um quieto silencio ouve-se um soluçar feminino. E' o da filha, sua boa e dedicada companheira depois que a esposa partiu para a longa viagem do Alem.

Elle segue a com a vista e sofre apenas porque a vê sofrer. Porem, ao ver-se chamado pelo mestre, as suas forças redobram e num supremo esforço aperta contra si a filha estrebuchada, dizendo-lhe já numa voz imperceptivel:

— Não te afflijas, é a lei fatal do destino. É uma vida que se vai para continuar a sua missão noutra parte...

E quando a filha, como ultima demonstração de affecto, lhe cerra caridosamente os olhos, elle babuça-a ainda:

— Agora trata-se de fazer o ól

(Limitado do F. Coppée por J. P. S.)

